



**AUTOR(ES):** MATHEUS FELIPE OLIVEIRA COSTA e DALIANA CRISTINA DE LIMA ANTONIO.

**AUTOR(ES):** MATHEUS FELIPE OLIVEIRA COSTA e DALIANA CRISTINA DE LIMA ANTONIO.

## **“FALAR DE AIDS HOJE, NÃO ME MACHUCA, NÃO ME DÓI. TEVE MOMENTOS DA MINHA VIDA, QUE EU ABRIA A BOCA E AS LÁGRIMAS VINHAM”: INSUBMISSAS (SOBRE)VIVÊNCIAS DE MULHERES**

O artigo analisou as histórias de vida de três mulheres que vivem com *HIV* e são atendidas pelo Grupo de Apoio à Prevenção e aos Portadores de *HIV/Aids*, no município de Montes Claros, Minas Gerais, sob a metodologia da História Oral. Os relatos expuseram (sobre)vivências singulares, mas que, entretanto, foi possível generalizar sobre a reconfiguração de si e das relações de afeto. A primeira entrevistada descobriu o diagnóstico aos 21 anos quando foi internada em um hospital já por estar acometida da *Aids*. O que a levou a considerar que perspectivas diferentes se constituem para quem não sofre com a *Aids*: “Durante muito tempo, eu vivi doente. Quando eu descobri o *HIV*, eu não descobri só *HIV*, eu descobri a *Aids*. [...] quem teve o *HIV* e quem teve a *Aids*, a visão é totalmente diferente. Hoje é mais fácil falar, eu chego a dizer que é até mais tranquilo viver também. Falar de *Aids* hoje, não me machuca, não me dói. Teve momentos da minha vida, que eu abria a boca e as lágrimas vinham. Hoje eu entendi que isso é algo que eu vou viver com ele, tendo ou não alguém do lado.” A segunda entrevistada contou que teve o diagnóstico durante a gestação do primeiro filho, interrompida por um aborto espontâneo. Ainda que afirma sempre ter desejado ser mãe, era cobrada na família por esse papel social, pois teve dificuldades em engravidar: “[...] quando eu engravidei do primeiro, foi entre oração, eu orando a Deus e falava, eu quero ser mãe para mostrar que eu poderia ser mãe, porque eu sabia que eu podia. Aí, eu engravidei do primeiro e já foi o abalo do primeiro resultado do exame. Mas, graças a Deus, hoje eu sou outra pessoa. Eu levantei minha cabeça mais depois que eu conheci aqui, essa casa de apoio”. A terceira entrevistada também teve o diagnóstico durante uma gestação. Estando casada, acreditou ter sido infectada antes do casamento, quando era garota de programa. Já separada, relatou várias violências que sofreu de seus companheiros afetivos, tais como exposição sorológica, físicas, psicológicas e patrimoniais: “Mas eu tenho esperança de arrumar um namorado sim. Um namorado não, um marido e bão! (risos). Deus é fiel e eu creio que ele vai arrumar uma pessoa boa pra mim, um dia. Porque eu já sofri demais com homem.” Uma resignificação do diagnóstico positivo para o *HIV* foi vista como o primeiro passo na reconfiguração de si e das relações de afeto, sendo comum o enfrentamento de estigmas e imposições sociais historicamente misóginas.

**Palavras-chave:** HIV. Gênero. Mulheres. Sociologia. Feminismo.

*Aprovação Comitê de Ética: CEP/UNIMONTES nº 50898921.0.0000.5146, 2021.*